

Precoce procissão fúnebre nas bodas de ferro de uma estrada

(Lento - motuo perpetuo)

Am F#o E4 G#o A/G C#o

4 Dm(7M) Dm7 Dm/C Bm7(b5) F/Eb

7 Am/E C7/G Cm7 Bm7(b5)

10 Bb7M A C#m7/G# D/F# F#E

13 B/D# A/C# A7M/B F7M(#11)

16 Am/E E Gm/D D F#o/C# C#

18 F#4 F# B7 E4 E A7 D4 D G#m7(b5) C#4 C# F#7 B4 B E74 A

The musical score consists of seven staves of music. Each staff begins with a measure number (4, 7, 10, 13, 16, 18) and is followed by a series of chords and rhythmic notation. The chords are written in a shorthand style, often with slash notation (e.g., A/G, Bm7(b5)). The notation includes stems, beams, and dots, indicating a slow, perpetual motion style. The key signature has one sharp (F#), and the time signature is 6/8.

Repetir 12 vezes  
conforme letra

Mariana, out 2002 - jun 2003

## PRECOCE PROCISSÃO FÚNEBRE NAS BODAS DE FERRO DE UMA ESTRADA

Ian Guest

no incrível teatro do mundo / o trem recolheu seus vagões  
 e saiu pelos fundos do palco / a platéia nem mesmo chorou  
 lá foi ferro velho virando / sucata ao redor dessa terra exten-  
 são do equador até os polos / o sonho foi bom e acabou

barão de mauá garimpou / e forjou aliança de ferro a  
 unir povoados distantes na / imensidão do país mas  
 não suspeitou o desafio hero-icamente lançado  
 ser abandonado esquecido mal tinha criado raiz

era uma vez a Maria / fumaça carreira encerrada  
 a linha nem foi enterrada / e se encontra exposta ao léu  
 seu leito de lastro e brita / esquecido e abandonado  
 sustenta dormentes e trilhos / que vão de encontro com o céu  
 nascente nutriu lamaçal / sumidouro e logo adiante  
 o chão ressecado em deslize / se abre em cratera erosão  
 festim de cabritos mosquitos com gritos das aves rapinas  
 banquete em sacos vazados e esparramados no chão

na periferia os pobres / disputam pedaços do trecho  
 montando casebres galpões / e trambolhos de demolição  
 até capelinha colada / à linha e bem ajeitada  
 já foi construída impedindo / qualquer outra ocupação  
 local de despejo de entulho / alimenta o lixão da cidade  
 terreiro invadido do mato / atoleiro quintais e currais  
 derrame de asfalto nos trilhos a-inda indicam os rastros  
 do símbolo debilitado do estado de minas gerais

a velha estação ferroviária / sua torre esbelta são sobrevi-  
 ventes entristecedoras / escombros da devastação  
 a memória do povo esvaece / com ela as fiéis companheiras  
 a igreja barroca ao lado / da irmã a charmosa estação  
     e o terminal de ouro preto / virou prefeitura e o pátio com  
     paralelepípedos para os / carros aí trafegar  
     mariana sua bela estação transformada no bar trem de ouro  
     a banda lá toca num velho vagão que nem sai do lugar

a estrada de ferro dom pedro / segundo do rio de janeiro  
 seguiu a corrente da moda / do nome o ferro sumiu  
 os tempos mudaram o ferro já / não mais daria estrada  
 o letreiro foi modificado / virou a central do brasil  
     o engenho de ferro agoniza no / duelo de ferro com ferro  
     e o dente de ferro do tempo / prepara a dentada final  
     rói essa férrea criatura já fraca de respiração  
     rói até esgotar a fumaça e romper sua  arteria vital

na febre de restauração / das igrejas ruelas fachadas  
 o trem sobrevive somente / em cinema revista e postal  
 só resta uma vaga lembrança / histórias de antigas jornadas  
 retrato falado de como / viajava o povo ancestral  
     a locomotiva ofegava / e fungava debaixo do peso  
     arrastando os velhos vagões / de madeira com sofreguidão  
     as juntas rangiam de dor  todavia ruidosa e teimosa  
     entre  abismos vertentes da serra avançava a composição

o apito soava na boca / do túnel e logo em seguida  
 o viaduto em curva fechada / e um nó a garganta apertar  
 a estreita passagem então / revelava o vale profundo  
 lá em baixo a cachoeira espumava / e os freios rompiam a cantar

o embarque era hora de festa / o transporte não ia apressado  
que a vida é feita de tempo / e tempo é que a gente mais tem  
será que já houve transporte mais belo tranqüilo e seguro  
e bem mais em conta que o doce avanço balanço do trem?

viajar no cupê de um vagão / era paz de banquinho na praça  
pousar o olhar no horizonte / os morros a ver desfilar  
o som incessante de estalos / das rodas nas juntas de trilho  
inventava a sua batucada / e a gente se punha a sonhar  
e o picoteiro picava / o chefe do trem comandava  
foguista nutria fornalha / maquinista no regulador  
vencia o comboio a distância através do sinuoso trajeto  
ligando um povo a outro com graça e raro esplendor

hoje o progresso chegou / paraíso forrado de asfalto  
se alastra por todo o planeta / a brotar gasolina do chão  
as frotas invadem a estrada / suas carrocerias gigantes  
estofos mais fofos em cores / e frisos chamando atenção  
mas todo o conforto aparente / é vitrina chamando freguês  
tanto brilho café água gelada / é lua de mel de aluguel  
o preço não tem concorrente é a lei da oferta e procura  
e quem precisar viajar cai na rede do imenso cartel

disputa o necessitado / que passa seu dia na estrada  
vi-aja de ida e volta / buscando seu sobreviver  
quanto mais longe o destino / é mais apertado o espaço  
a perna dobrada adormece / mas não o seu corpo a doer  
à noite atrás das poltronas / se agita no longo percurso  
procura inventar posição / perseguindo um cochilo qualquer  
pra encurtar a canseira que arrasta por tempo infundável  
de quem por destino se encontra prensado até o dia nascer

para acabar com a desgraça / foi instituído o combate  
à fome doença terror / desabrigo desinformação  
por que cargas d'água então / se ignora a nova barreira  
a distância que a vida moderna / impõe a qualquer cidadão  
mas re-agir é preciso / o povo saber da roubada  
e toda essa estória furada / da rodoviarização  
é de interesse somente da propri-edade que explora  
e nunca de quem necessita transporte e não tem condição

uns levam seu dia-a-dia / viajando de ida e volta  
já outros iriam até / os confins e um pouco além  
e um dia o bravo mineiro / virou para seu companheiro  
parou e as-sim resmungou / tô 'garrado me falta um trem  
por mais que jorrasse a seiva / do doce a-pego à lembrança  
nas vísceras mal escondidas / da essência profunda do ser  
cruel solidão coletiva emudece o desejo isolado  
e o povo já não se dá conta viver se resume em querer

Mariana, outubro 2002 – junho 2003